



eliane duarte: reza

09.03 – 11.05.2023

As obras de Eliane Duarte expandem os limites da tela como suporte e ganham corpo como objetos-amuletos-rezos. São feitas com tecidos, algodão, pigmentos naturais, cera, sementes, corda, penas, moedas e muitos outros elementos. Seus trabalhos têm mística e ganham corpo como entidades e forças únicas, como relatou a artista em um de seus escritos: “Meu trabalho é quase uma reza, no sentido de fazê-los de forma lenta e por uni-los uns aos outros, costurando-os como se fossem patuás. Queria uma coisa que desse sorte às pessoas e tudo que eu coloco tem a função de amuletos”¹.

Ao conhecer sua prática, acessamos fundamentos da natureza, formas orgânicas, flores, cachos e vestes que se materializam em suas obras por meio de um processo de costura visceral. A costura é uma prática ancestral, mas está frequentemente associada ao universo feminino domesticado. Entretanto, a voracidade com que Eliane trabalhou com essa matéria explicita a urgência de comunicar força pela costura, sempre driblando as conformidades estruturais e estéticas do mercado de arte. Como a artista nos diz: “Trabalho com agulha e linha como se fossem vísceras, meu intestino grosso e delgado... É através deles que existo e tento fazer arte. Com agulha e linha crio um pequeno mundo pra mim mesma, onde tento me entender”². A artista inverte o trabalho da costura associado à mulher silenciada, e o transforma em uma forma de expressão potente que perfura, machuca e expõe as dores de um corpo coletivo.

A associação entre mulheres e natureza é também ancestral, uma afiliação que atravessa culturas e vem se fortalecendo enquanto vivenciamos a luta das mulheres por uma libertação cultural e econômica, ao mesmo tempo que assistimos as irreversíveis consequências da exploração da natureza. A percepção de que ambas as mulheres e a natureza são produtos a serem explorados, ou bens a serem consumidos, conecta a necessidade de despertar uma nova consciência ecológica e feminista.

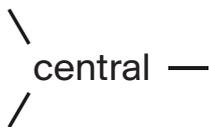
A obra de Duarte acessa intuitivamente essa questão pela escolha de materiais naturais, pela prática da costura e pela forma como desafia os limites da arte contemporânea no seu tempo. Ao realizar obras tridimensionais mas não escultóricas, Duarte criava objetos vivos e utilizava matéria orgânica, métodos associados a fazeres “utilitários”, aproveitando restos de tecidos e reciclando materiais, ela desafiava as estruturas enquanto potencializava a sua conexão com a arte através da relação entre o corpo e a terra. Em sua obra *camuflagem*, a artista produz esculturas em tecido, como disse ela, “Há tempos trabalho com sobras, começar de novo, sobrevivência. No trabalho camuflagem envolvi cocos de babaçu em tecido, dando o sentido de preciosidade, proteção – É uma pequena homenagem às muitas árvores queimadas. Logo após as queimadas, são as palmeirinhas novas, as primeiras a despontar.”³ A obra ganha forma na exposição como mapa da América do Sul, estabelecendo a conexão da artista com seu território.

No livro *A morte da natureza*, cuja primeira publicação foi em 1980, a filósofa eco-feminista Carolyn Merchant fala sobre a perspectiva do mundo como um organismo vivo: “Ao investigar as raízes do nosso atual dilema ambiental e suas conexões com a ciência, tecnologia e economia,

1 DUARTE, Eliana. Tribuna Bis, 2002

2 DUARTE, Eliana. Entrevista para Claudia Saldanha no texto ‘Agulha Guia’. 2019

3 DUARTE, Eliana. Obras comentadas.



eliane duarte: reza

09.03 – 11.05.2023

precisamos re-examinar a formação de uma visão de mundo que, reconceitualizando a realidade como uma máquina, não como um organismo vivo, sancionou a dominação tanto da natureza quanto das mulheres”⁴. Merchant introduz a questão de um mundo que se esqueceu de sua essência em prol de um pensamento extrativista e desenvolvimentista, em grande parte patriarcal e masculino.

É importante ressaltar que não é o propósito desta análise restabelecer a natureza como mãe da humanidade, nem defender que as mulheres assumam um papel de educadoras, mas afirmar que precisamos nos libertar dos rótulos estereotipados que nos aprisionam. Como ensina a autora indiana Vandana Shiva: “A libertação da terra, a libertação das mulheres, a libertação de toda a humanidade é o próximo passo de paz que precisamos criar”⁵.

A ideia de desenvolvimento como desenraizamento é elaborada também por Vandana Shiva: “O desenvolvimento significou a ruptura ecológica e cultural dos vínculos com a natureza...”⁶. O processo de trabalho de Eliane Duarte é também um processo de enraizamento, de reconexão com o próprio corpo e sua natureza.

Eliane Duarte tinha uma conexão profunda com seu processo artístico, processos que se manifestam muitas vezes nos títulos de suas obras: *espiões*, *almas*, *cachos*, *fantasmas*, *iemanjá* e *vênus* são alguns exemplos que nos aproximam do universo interior que a artista acessava em suas produções. Ao reverenciar entidades e orixás, a artista enfatizava o caráter espiritual de suas obras, e elementos sagrados e cotidianos formavam uma produção inata com o propósito de cuidar, proteger e transformar quem as observava. Uma de suas obras também era chamada pela artista de *entes* – como “parentes”, suas obras tinham vida e se relacionavam com ela dessa forma. Para Shiva, “o sagrado é o vínculo que conecta a parte e o todo”⁷.

Eliane Duarte operava sobre as nossas peles, e sua obra é um legado da arte contemporânea brasileira. Por motivos estruturais, sua obra segue sem o devido reconhecimento na memória de sua geração. Nesta exposição, acessamos um conjunto de trabalhos inéditos, como *flor de lótus*, desenvolvidos no fim de sua vida, e muitos que não são apresentados há anos. Por isso se tornam tão urgentes quanto a sua criação, como relata em uma de suas anotações: “...estou criando. Acho mais interessante, mais urgente”.

Retomo aqui a importância de associações do sagrado, da natureza e da matéria. Ao saudar o invisível e o não dizível nos aproximamos de uma compreensão sutil de objetos particulares. *Reza* é uma exposição que apresenta um organismo espiritual e político que se entrelaça nas obras e na memória de Eliane Duarte, resgatada de acordo com a ordem de grandeza de suas obras e sua potência de conexão telúrica.

/ Catarina Duncan

4 MERCHANT, Carolyn. *A morte da natureza*, 1980. Harper & Row, Publishers, San Francisco, 1990. p.15.

5 SHIVA, Vandana. *Ecofeminismos - A busca por raízes*, 2014. Editora Luas, Belo Horizonte, 2021. p. 183.

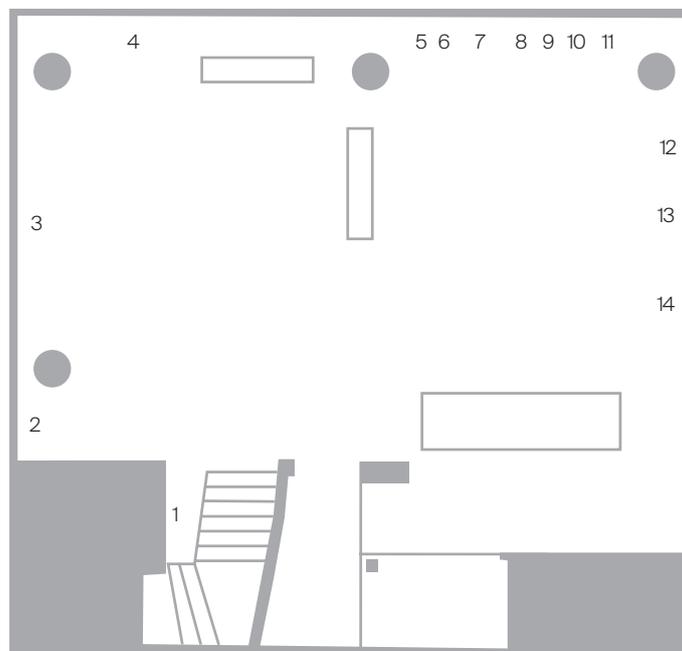
6 SHIVA, Vandana. *Ecofeminismos - Sem teto na aldeia global*, 2014. Editora Luas, Belo Horizonte, 2021. p. 189.

7 SHIVA, Vandana. *Ecofeminismos - Conhecimento indígena das mulheres e conservação da biodiversidade*, 2014. Editora Luas, Belo Horizonte, 2021. p. 276.



eliane duarte: reza

09.03 – 11.05.2023



- | | | |
|--|---|---|
| 1 <i>patuá</i> , 1995
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e sementes
6 x 7 x 5 cm | 6 <i>flor de lótus</i> , 2005
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e pigmento
90 x 15 x 6 cm | 11 <i>flor de lótus</i> , 2005
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e pigmento
90 x 16 x 4 cm |
| 2 sem título, c. 1990
tecido, barbante, algodão e
pigmento de cera de abelha
90 x 15 cm | 7 <i>flor de lótus</i> , 2005
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e pigmento
130 x 48 x 4 cm | 12 <i>willendorf (vênus)</i> , 1996
tecido, algodão, cera de
abelha e pigmento
57 x 23,5 x 18 cm |
| 3 <i>os pássaros</i> , 1999
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e pigmento
dimensões variáveis | 8 <i>flor de lótus</i> , 2005
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e pigmento
90 x 20 x 9 cm | 13 sem título, c. 1990
tecido, barbante, algodão e
pigmento de cera de abelha
220 x 20 x 15 cm |
| 4 <i>cacho</i> , 2004
sementes, sisal e corda
sintética
190 x 30 x 23 cm | 9 <i>flor de lótus</i> , 2005
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e pigmento
127 x 23 x 4 cm | 14 sem título, c. 1990
tecido trançado e costurado,
estopa, algodão e pigmento
de cera de abelha
93,5 x 28,5 cm |
| 5 <i>flor de lótus</i> , 2005
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e pigmento
155 x 15 x 4 cm | 10 <i>flor de lótus</i> , 2005
tecido, estopa, barbante,
cera de abelha e pigmento
140 x 10 x 4 cm | |